

<b>Superintendência Regional de Educação</b>	Vila Velha
<b>Categoria</b>	Boas Práticas na Sala de Aula
<b>Autora</b>	Adriana Tiago Lopes
<b>Escola</b>	EEEFM Professora Filomena Quitiba
<b>Título do Relato de Prática</b>	Cores da igualdade: revelando histórias e cultura através dos cabelos afro na arte – “Meu cabelo, minha coroa” *
<b>Período de realização</b>	Julho a setembro de 2023

\* Relato adaptado para publicação.

## RESUMO

O presente relato de experiência apresenta os resultados oriundos do Projeto Cores da Igualdade: Revelando Histórias e Cultura através dos Cabelos Afro na Arte – meu cabelo, minha coroa, desenvolvido com alunos do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual do Litoral Sul do Espírito Santo, no 2º Trimestre de 2023, com o objetivo de promover a igualdade e a conscientização sobre questões raciais por meio da arte, desconstruindo estereótipos e promovendo a valorização da diversidade. Para tal, adotamos uma abordagem diversificada de ensino que incorporou várias metodologias, incluindo a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a Metodologia Triangular, e outras estratégias pedagógicas. Essa combinação de abordagens permitiu uma experiência de aprendizado enriquecedora para os alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, criativas e críticas. Os sujeitos da intervenção foram alunos com uma rica diversidade étnica e uma ampla gama de origens culturais, bem como diferentes classes sociais, pois o município é turístico, portanto, recebe pessoas de várias partes do Brasil. Entretanto, essa diversidade, embora valiosa, não é automaticamente sinônimo de respeito- uma vez que há vários casos de intolerância na convivência dos estudantes. Sendo necessário o emprego de ações que buscassem promover um ambiente inclusivo onde todos os alunos se sentissem respeitados e valorizados. O projeto contou com uma diversidade de atividades que buscaram sensibilizar

os alunos por meio de obras de arte e, ao mesmo tempo, informa-los sobre as leis que versam sobre a Igualdade Racial no Brasil. Os alunos foram desafiados a investigar questões raciais, criar obras de arte relacionadas e participar de discussões em sala de aula. Os resultados do projeto revelaram um aumento significativo na conscientização dos alunos sobre questões raciais, bem como uma melhora notável em suas habilidades de expressão artística. Além disso, o ambiente escolar tornou-se mais inclusivo, com os trabalhos de arte realizados como parte do projeto sendo bem recebidas pela comunidade escolar. Este projeto destaca a eficácia de abordagens pedagógicas inovadoras na promoção da igualdade racial e da valorização da diversidade na educação. Além disso, oferece insights valiosos sobre como a arte pode ser uma poderosa ferramenta para criar diálogos significativos sobre questões sociais. Este relato de experiência pode servir como um modelo inspirador para a aplicação de projetos similares em outras escolas, incentivando a inclusão e a conscientização sobre questões raciais em todo o país.

## RELATO DE PRÁTICA

O projeto pedagógico Cores da Igualdade: Revelando Histórias e Cultura através dos Cabelos Afro na Arte - Meu cabelo, Minha coroa; foi desenvolvido numa Escola Estadual de Ensino do Espírito Santo. O principal objetivo foi promover a conscientização sobre a igualdade racial por meio da arte e despertar atitudes antirracistas na escola.

No desenvolvimento, adotamos uma abordagem diversificada de ensino que incorporou várias metodologias, incluindo a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), a Metodologia Triangular, Metodologia de Aprendizagem Cooperativa e outras estratégias pedagógicas. Essa combinação de perspectivas permitiu uma experiência de aprendizado enriquecedora e significativa para os alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, criativas e críticas. A metodologia adotada será descrita no passo a passo a seguir.

A escola onde o projeto foi aplicado abriga uma comunidade estudantil com uma rica diversidade étnica – resultado de uma história de lutas e resistência que reverbera na cultura econômica (pesca) e identidade patrimonial do município (artesanato), que foge da abordagem eurocêntrica a qual a narrativa histórica oficial geralmente é atrelada. Nesse

Ínterim, a unidade escolar representa uma ampla gama de origens culturais, bem como diferentes classes sociais, pois além do passado histórico, o município é turístico, portanto, recebe pessoas de várias partes do Brasil que veem nesse potencial uma esperança de melhoria econômica.

Entretanto, é importante notar que essa pluralidade, embora valiosa, não é automaticamente sinônimo de respeito- uma vez que há vários casos de intolerância na convivência dos estudantes. Tendo sido necessário o emprego de ações que buscassem promover um ambiente inclusivo onde todos os alunos se sentissem respeitados e valorizados, independentemente de suas origens étnicas, classes sociais ou outras características pessoais.

A ideia surgiu a partir de uma conversa informal, durante uma tutoria. Nestas, o educador acompanha a vida acadêmica dos alunos, presta atendimento e apoio contribuindo com a construção dos projetos de vidas de cada um. Além disso, os tutores também fornecem orientação pedagógica aos estudantes e apoio emocional quando necessário.

Durante uma tutoria, fui procurada por uma aluna do Ensino Fundamental, em particular, que dividiu comigo um sentimento de baixa autoestima relacionada a sua aparência, principalmente, ao seu cabelo. Em seu relato, ela disse que não gostava do próprio cabelo, que sempre ouvia piadas sobre seu cabelo ser “ruim” – a estudante se autodeclarou negra durante nossa conversa – mas que a mãe não a deixava alisar o cabelo, fato que a deixava extremamente desconfortável com sua aparência.

Tentei, da melhor maneira possível, fazê-la pensar de outra maneira a respeito de sua aparência, valorizando-a e citei nomes de artistas famosas que fazem questão de exaltar suas características afrodescendentes como: Taís Araújo, Sheron Menezes, Viola Davis, Oprah Winfrey, etc. Entretanto, senti que não tinha realmente alcançado meu objetivo de transformar o olhar da estudante sobre sua própria aparência e decidi abordar o assunto numa roda de conversa nas salas de aula do Ensino Fundamental, mais precisamente nas turmas do 7º e 8º anos.

Destaco que outro objetivo deste projeto é promover a desconstrução da autoimagem negativa que afeta muitas das nossas estudantes, com ênfase especial nas alunas pretas e

pardas. Buscando fortalecer a autoestima e a confiança delas, ajudando-as a reconhecer e celebrar a beleza e o valor intrínseco de suas identidades individuais. Também era intencional incutir nos estudantes atitudes antirracistas que fizessem parte do cotidiano escolar durante todo o ano letivo, sensibilizando-os por meio da Arte.

De início, realizei uma roda de conversa, nos 7º e 8º anos, na qual questionei acerca de como os estudantes lidam com suas aparências e com autoestima. Foram relatados casos de Bullying e até mesmo expressões racistas em algumas salas. Essa foi uma constatação que requeria uma intervenção pedagógica urgente. Afinal, as habilidades e competências socioemocionais são tão importantes quanto os conteúdos teóricos apreendidos no ambiente escolar<sup>1</sup>. Observou-se uma troca significativa de experiências e conhecimentos entre os participantes, enriquecendo a compreensão coletiva do assunto.

A metodologia de aprendizagem cooperativa<sup>2</sup> foi aplicada durante a nossa roda de conversa como uma abordagem eficaz para promover o diálogo construtivo e a aprendizagem entre os alunos. Durante a atividade, os alunos foram organizados em pequenos grupos e receberam tópicos relacionados ao tema da conversa. É importante que o professor separe uma aula para essa atividade e fique atento à formação dos grupos, incentive discussões colaborativas, proponha uma síntese das principais conclusões, promova a empatia e tenha uma postura de facilitador. A ação foi realizada em duas aulas.

Posteriormente, ainda empregando a metodologia de aprendizagem cooperativa, iniciei o trabalho com a música Olhos Coloridos. A canção, de autoria de Macau, é fruto de uma experiência marcante na vida desse compositor e homem preto, eternizada na voz da cantora Sandra de Sá. Foi então que trouxe a música para ouvirmos em sala de aula e analisar a letra. Contei-lhes a história que inspirou a música e lancei questionamentos, de maneira informal: Como é seu cabelo? Você gosta dele? Você já quis imitar algum tipo de cabelo? Qual? Por quê? Você já pintou seu cabelo? Já usou alguma química nele? Você já teve algum

---

<sup>1</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Brasil e o currículo do Espírito Santo, destacam a importância de desenvolver habilidades e competências socioemocionais em diferentes partes dos documentos. É especialmente notável, na BNCC, nas competências gerais e nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento ao longo da educação básica. Um exemplo é a Competência Geral nº 7.

<sup>2</sup> A metodologia de aprendizagem cooperativa foi desenvolvida por diversos pesquisadores ao longo do tempo, e não pode ser atribuída a um único criador. No entanto, um dos nomes mais associados a essa abordagem é o do psicólogo social Elliot Aronson. Ele é conhecido por seu trabalho pioneiro na pesquisa sobre aprendizagem cooperativa, especialmente na década de 1970.

problema relacionado a seu cabelo que gostaria de compartilhar com seus colegas? O que nossos cabelos podem dizer sobre nós?<sup>3</sup>

Houve grande participação dos estudantes e estes responderam aos questionamentos de forma descontraída, mas, ao mesmo tempo, reflexiva. Infelizmente, numa das turmas, uma aluna teve uma atitude que eu não esperava: debochou da música e da história que contei sobre o desabafo na tutoria.

Agi prontamente para interromper a fala e garantir que todos os alunos se sentissem seguros e respeitados. Após a intervenção inicial, utilizei essa situação como uma oportunidade de aprendizado. Expliquei o conceito de racismo, suas implicações e o impacto negativo que pode ter nas pessoas. Além de buscar promover a sensibilização sobre a importância da empatia e do respeito pelas diferenças culturais e étnicas. Incentivei-a a refletir sobre o impacto de suas palavras. Foram utilizadas duas aulas nessa etapa.

É importante que a escola ofereça oportunidades de construir seu aprendizado de maneira integral. Mas, para além de um trabalho intencional com as competências socioemocionais, que iriam resgatar a forma positiva com que os estudantes deveriam enxergar suas aparências, empregar um projeto de educação antirracista se mostrou necessário.

Acredito realmente que educação tem enorme poder de superar problemas crônicos da sociedade brasileira, como o racismo estrutural, desigualdades de gêneros e outras formas de opressão. É na escola que os jovens, crianças e adolescentes fazem descobertas sobre a vida e estabelecem seus primeiros aprendizados, mas também é onde experienciam situações de preconceitos e violências, principalmente os estudantes pretos e pardos - conforme pude observar nas rodas de conversa que realizei.

A escola precisa estabelecer um ambiente seguro para os estudantes, integrando e valorizando as diferenças, a fim de acolher os alunos. O ensino antirracista, está pautado na Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Lei que nesse ano de 2023, comemora 20 anos de existência e que, ao mesmo tempo, demonstra

---

<sup>3</sup> As perguntas foram inspiradas numa atividade sugerida pela equipe REDIGIR da UFMG. Disponível em: <<https://www.redigirufmg.org/atividades/musica>>. Acesso em: 07 ago. 2023. Entretanto, nossa proposta foi adequada à realidade da escola.

o quão longo é o caminho que deveremos percorrer para que, de fato, uma escola antirracista seja uma realidade, para isso faz-se necessário corrigirmos o cenário atual e mudar a forma de educar.

Ensinar sobre a história africana e afro-brasileira é falar para esses jovens sobre uma existência. Enfatizar a contribuição negra, sobre a cultura e a literatura, traz referências, que inspiram os jovens e estes sentem-se parte da escola e inseridos nela. Portanto, estabelecer um ensino antirracista é um fator determinante, também, para ajudar a reduzir a exclusão escolar.

O terceiro passo do projeto foi apresentar obras de artistas que valorizam as aparências afrodescendentes como: Keturah Ariel, Tyler Clark, Laetitia Ky, Iraci Oliveira, ILLI Íldima Lima. Separei uma aula para essa ação.

As obras foram exibidas em sala para apreciação, discussão e reflexão sobre questões raciais. Refletimos sobre a importância da valorização e representatividade do cabelo afro na arte, discutindo a história, os desafios e a beleza de diferentes estilos e texturas de cabelo afro. Também foi importante abordar a influência da cultura afro na moda e na estética contemporânea, e questionar as representações do cabelo afro na mídia e na publicidade – de que maneira essas representações poderiam ajudar a elevar autoestima das meninas e mulheres pretas da comunidade escolar.

Nessa etapa, senti cada vez mais um envolvimento ativo e dinâmico, e a maioria dos estudantes participou da roda de conversa. Durante essa discussão, vários depoimentos pessoais interessantes surgiram, revelando meninas inseguras, mas também outras que enxergavam seus cabelos como uma forma de resistência de suas origens afrodescendentes. Para além da metodologia de aprendizagem cooperativa, iniciamos a Metodologia Triangular de Ana Mae Barbosa, pautada sob três aspectos: Apreciação estética, Contextualização Histórica e Fazer artístico.

Merece destaque a espontaneidade dos alunos, afinal esses são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Sugeriram para ouvirmos outras músicas, que eu não conhecia, sobre cabelo. Buscamos no App de música: Para Cacheada (Domitila Barros) e Seu Cabelo

(Duda Pimenta). As letras sugeridas também trazem mensagens de empoderamento e inclusão sobre a diversidade capilar das brasileiras e brasileiros.

A quarta etapa do projeto foi a exibição do filme *Escritores da Liberdade*. O filme aborda temas de diversidade étnica e cultural, bem como questões de discriminação e preconceito. Ao explorar esses tópicos, os alunos têm a oportunidade de aprender sobre a importância da tolerância, respeito pelas diferenças e convivência harmoniosa em uma sociedade diversificada. Após a exibição do filme, discutimos os principais tópicos, novamente aplicamos a metodologia da aprendizagem cooperativa. Foi importante levantar questionamentos que incentivassem os participantes a refletirem sobre os temas e mensagens apresentados, como: O filme aborda questões de diversidade e discriminação racial. Que exemplos você observou no filme? Como os personagens lidaram com essas questões? O que você aprendeu com o filme sobre a importância da tolerância e do respeito pelas diferenças? Como você acha que as lições e mensagens do filme podem ser aplicadas em situações da vida real, incluindo a nossa própria escola e comunidade? Quais são as principais mensagens ou lições que você leva do filme? Como essas mensagens podem inspirar ações positivas? Como o filme aborda a importância da empatia e da compreensão mútua? Que cenas ou personagens demonstram esses valores? Você acha que o filme oferece esperança e inspiração para superar desafios pessoais e sociais? Por quê? Que ações ou projetos você acredita que nossa escola ou comunidade poderia implementar após assistir a este filme?

Os estudantes demonstraram envolvimento com a história do filme "*Escritores da Liberdade*" de várias maneiras significativas. Durante a conversa após a exibição do filme, os alunos compartilharam suas reflexões de maneira entusiasmada. Muitos expressaram empatia pelos personagens e identificação com suas lutas, destacando semelhanças entre suas próprias experiências e as vividas pelos jovens no filme. O envolvimento dos estudantes serviu como inspiração para ações futuras, com muitos expressando o desejo de fazer a diferença em suas próprias comunidades, demonstrando assim a relevância e o impacto do filme em suas vidas educacionais. Importante frisar que os estudantes se interessaram pelo livro *O Diário de Anne Frank*, cuja leitura foi sugerida e nasceu a ideia de fazermos uma tertúlia literária, que será realizada no futuro, pois não há tempo hábil de aplica-la neste projeto.

A quinta parte do projeto foi trabalhar com os estudantes as leis 10.639/2003 e 12.288/2010. Para ensinar sobre leis na escola de forma eficaz e envolvente, utilizamos a metodologia da "Aprendizagem Baseada em Problemas" (PBL). A Aprendizagem Baseada em Problemas é uma abordagem pedagógica que coloca os alunos novamente no centro do processo de aprendizado, envolvendo-os na resolução de problemas do mundo real. O problema norteador foi: De que maneira poderíamos tornar essas leis (10.639/2003 e 12.288/2010) mais conhecidas na escola? Lápis e papel na mão e os estudantes debruçaram-se nessa empreitada. A tarefa foi em grupo para que as trocas de ideias e pontos de vistas fluíssem de maneira mais natural. Além disso, o trabalho em grupo estimula o aprendizado colaborativo, no qual os alunos compartilham conhecimentos, experiências e recursos uns com os outros. Isso leva a uma compreensão mais profunda dos conceitos, já que os alunos podem ensinar e aprender mutuamente. É importante o suporte atento do professor pois são turmas de 7º e 8º anos e os estudantes geralmente não tem contato com leis.

Para a aplicação da PBL segui os seguintes passos: Apresentei o problema, solicitei aos alunos que formulassem perguntas-chave relacionadas ao problema apresentado, incentivei-os a pesquisarem informações sobre o problema e realizamos debates para compartilhamento de seus pontos de vista e soluções potenciais. Posteriormente os grupos foram criados e, por fim, desafiei os alunos a aplicarem as leis e conceitos discutidos na resolução do problema, propondo uma criação visual como conclusão de suas propostas. Essa criação poderia ser com os materiais que os alunos escolhessem utilizar. Separei 3 aulas para essa ação.

Os alunos demonstraram um compromisso notável ao se envolverem na produção relacionada às leis 10.639/03 e 12.288/10, que tratam do ensino da história e cultura afro-brasileira e da promoção da igualdade racial. Além da pesquisa e estudo dos conteúdos, aprofundaram seu conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileira, bem como sobre as questões de igualdade racial no Brasil. Também participaram ativamente de discussões e debates em sala de aula, onde puderam manifestar suas opiniões e compreensões, enriquecendo assim o diálogo sobre esses temas fundamentais, claro que de forma não muito aprofundada, afinal são classes mais novas e com certa imaturidade.



Outro aspecto que merece ênfase foi a produção de conteúdo educativo pelos alunos. Eles se envolveram na criação de materiais como apresentações, vídeos, cartazes e trabalhos escritos, todos voltados para transmitir os princípios e objetivos das leis de forma clara e significativa, se esforçaram para destacar a importância das leis 10.639/03 e 12.288/10, compartilhando conhecimento e promovendo discussões significativas sobre igualdade racial e inclusão. O impacto dessa participação não apenas se refletiu no aumento da conscientização sobre esses temas, mas também na promoção de atitudes e comportamentos mais inclusivos e respeitosos dentro da escola.

A sexta proposta do projeto foi uma visita virtual a exposição *Negras Cabeças* (apreciação da metodologia triangular). A exposição online apresenta uma série de fotografias e depoimentos de mulheres negras, cada uma exibindo seus cabelos com orgulho e estilo. As imagens são acompanhadas por textos que contam histórias inspiradoras de superação e aceitação pessoal. A interface do site é intuitiva e permite uma navegação fluida entre as diferentes seções.

As fotografias expostas transmitem uma mensagem poderosa de amor próprio e aceitação. Os cabelos afro são retratados em sua plenitude, com penteados criativos, cores vibrantes e texturas únicas. A diversidade de estilos reflete a individualidade de cada mulher, mostrando que não há um único padrão de beleza a ser seguido.

A visita à exposição online "*Negras Cabeças*" ajudou os estudantes a compreender melhor a importância da representatividade e do empoderamento das mulheres negras, assim como a valorização da diversidade de cabelos afro. Foi um dos pontos sensíveis do projeto, pois buscou promover a conscientização e a valorização da cultura afrodescendente. Nessa etapa, além da metodologia triangular, continuamos a utilizar a metodologia da aprendizagem cooperativa, descrita anteriormente, e utilizamos uma aula.

A partir do contato com essas fontes de inspiração, os alunos deveriam desenhar um retrato dando ênfase ao cabelo (é o fazer artístico da metodologia triangular mencionada). Essa é a sétima e última etapa do projeto. A produção poderia ser um autorretrato, retrato de uma figura pública, desenho inédito ou releituras das obras apreciadas em sala de aula. A escolha

dos materiais e técnicas também foi livre. Foi perceptível que os desenhos buscaram valorizar o cabelo afro, transmitiram mensagens importantes de inclusão e aceitação da diversidade, promovendo a autoestima e a representatividade.

Ao final do projeto, organizamos a apresentação dos trabalhos, um momento de celebração da diversidade e de valorização das produções artísticas. As obras foram expostas em um mural e ajudaram a criar um ambiente mais acolhedor e respeitoso para todos os alunos, além de promover a reflexão de toda a comunidade escolar.

O maior desafio para a realização do projeto foi, sem dúvidas, a conexão com a internet que caiu diversas vezes, além da dificuldade de alguns alunos com o meio digital. É necessário persistir e vencer os obstáculos para que a inclusão digital também seja uma realidade.

Através do projeto, percebemos uma mudança significativa na postura dos alunos em relação à igualdade racial. Os resultados positivos alcançados demonstram que a conscientização, a educação e a ação podem criar mudanças reais e significativas. A grande maioria passou a reconhecer a importância de respeitar e valorizar as diferentes culturas e identidades étnicas presentes em nossa sociedade – que foi percebido e apontado por meio das respostas pessoais dos alunos ao questionário de avaliação do projeto, apresentado no anexo.

Optamos por avaliar o projeto por meio de um questionário cuidadosamente estruturado, distribuído aos participantes. Constatei que as respostas foram amplamente positivas, indicando que os objetivos foram alcançados – o que pode ser verificado nos gráficos em anexo. Através das perguntas, pude medir de maneira eficaz o impacto do projeto nas percepções e atitudes dos alunos em relação às questões relacionadas ao racismo e à diversidade. Os resultados afirmativos refletem não apenas a qualidade do projeto, mas também o dever da escola em promover a igualdade e a inclusão.

A participação ativa e as sugestões dos estudantes desempenham um papel vital na busca por uma escola antirracista. Em suma, o projeto demonstrou que a arte é uma das poderosas ferramentas para promover a conscientização e a transformação social, também dentro da escola. O projeto pedagógico Cores da Igualdade: Revelando Histórias e Cultura através dos Cabelos Afro na Arte, evidenciou o papel fundamental da escola na construção de uma

sociedade mais justa e igualitária, onde todos sejam respeitados e valorizados independentemente de sua origem étnico-racial. Mas essa realidade ainda está longe de ser alcançada. É necessário que esse tipo de abordagem seja uma realidade durante todo o ano letivo. Somente assim, seremos capazes de criar pessoas e estudantes, de fato, antirracistas.

Sobre a aluna que me procurou com hesitação em relação ao seu cabelo, ressalto que ao longo do projeto, essa insegurança desapareceu, talvez não completamente. Através das discussões, apoio e exploração de temas, a aluna ganhou confiança em sua própria aparência e identidade. Esta transformação é um exemplo poderoso do impacto positivo que o projeto teve na autoestima e autoaceitação dos estudantes. Em suas palavras:

Hoje eu tenho um outro olhar sobre meu cabelo e aprendi que devo me orgulhar porque ele é minha identidade, não preciso ter vergonha. No site eu vi como as mulheres usam seu cabelo e achei interessante! Eu agora não quero alisar. Não sei se ele vai ficar assim sempre, talvez eu mude no futuro, mas vai ser porque eu quero e não porque as pessoas falam dele.<sup>4</sup>

Para aplicar esse projeto em sua escola, basta seguir os passos abaixo:

## **PASSO A PASSO DA PRÁTICA**

Passo 1: Roda de Conversa com a sensibilização dos estudantes acerca do tema e escuta sobre seus pontos de vista – 1 aula;

Passo 2: Apreciação, análise e discussão sobre a música Olhos Coloridos – 1 aula;

Passo 3: Apreciação de obras de arte que exaltam o cabelo da mulher negra, das artistas visuais: Keturah Ariel, Tyler Clark, Laetitia Ky, Iraci Oliveira, ILLI Íldima Lima. Com roda de conversa em sala de aula – 2 aulas;

Passo 4: Explorando o filme “Escritores da Liberdade.” - exibição do filme e discussão sobre os principais temas abordados, como diversidade étnica, discriminação e a importância da educação na superação de desafios – 3 aulas;

---

<sup>4</sup> A identidade da aluna será mantida em sigilo a pedido da própria.

Passo 5: Pergunta norteadora sobre as leis 10.639/2003 e 12.288/2010 com pesquisa e resolução da questão com produção visual em grupo – 3 aulas;

Passo 6: Visita virtual à exposição Negras Cabeças – 1 aula;

Passo 7: Início da produção artística dos autorretratos/ retratos com características afro, com ênfase para os cabelos – 2 aulas;

Passo 8: Apresentação dos trabalhos numa roda de conversa e oportunidade dos estudantes dividirem as mensagens que quiseram transmitir por meio das suas produções visuais – criação de mural na escola – 2 aulas;

Passo 9: Avaliação/autoavaliação, com questionário impresso, com participação dos estudantes também de forma dialogada e oportunidade de sugestões de que maneira o projeto pode continuar despertando atitudes antirracistas na escola, durante todo o ano letivo – 1 Aula;

Passo 10: Tabular as respostas dos alunos, apresentá-las às turmas e encerrar o projeto – 1 Aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary G. *Relações Raciais na Escola: Reprodução de Desigualdades em Nome da Igualdade*. Brasília: UNESCO, INEP, Observatório de Violência nas Escolas, 2006. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001459/145993por.pdf>

BARBOSA, Muryatan Santana. A construção da perspectiva africana: uma história do projeto História Geral da África (UNESCO). *Revista Brasileira de História (ANPUH)*, vol. 32 nº 64, 2012, pp. 211-230. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n64/12.pdf>

BITTENCOURT JR., Iosvaldyr Carvalho; SABALLA, Viviane (orgs). *Procedimentos didáticos aplicáveis ao ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2012.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2006.

Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira de diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MEINERZ, Carla Beatriz. Ensino de História, Diálogo Intercultural e Relações Étnico-Raciais. *Educação & Realidade (Porto Alegre)*, v. 42, nº 1, p. 59-77, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623661184>

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. 2000. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf)

MOORE, Carlos. Novas bases para o ensino de História da África no Brasil. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei nº 10.639/2003*. Brasília: SECAD-MEC, 2005, pp. 133-166.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 9 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

PEREIRA, Junia Sales. Do colorido a cor: o complexo identitário na prática educativa. In: GONCALVES, Marcia de Almeida et all (org.). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012.

FALE UFMG. Atividade proposta e desenvolvida pela equipe do Redigir. Disponível em: <https://www.redigirufmg.org/atividades/musica>. Acesso em: 12 ago. 2023.

## ANEXOS



Foto 1: Discussão sobre o tema do projeto e a música Olhos Coloridos, bem como análise das obras de arte que retratam os cabelos Afro. Fonte: acervo da autora.



Foto 2: Visita ao site *Negras Cabeças* e exibição do filme *Escritores da Liberdade*.  
Fonte: acervo da autora.



Foto 3: À esquerda: Visita à exposição virtual *Negras Cabeças* e à direita, Processo de criação dos trabalhos. Fonte: acervo da autora.



Foto 4: Culminância com os trabalhos sobre as leis 10.639/03 e 12.288/10.  
Fonte: acervo da autora.



Foto 5: Exposição/mural, confeccionado na escola, com os trabalhos artísticos dos alunos sobre a diversidade de cabelos. Fonte: acervo da autora.



Foto 6: Detalhes dos trabalhos dos alunos. Fonte: acervo da autora.



Foto 7: Detalhes dos trabalhos dos alunos. Fonte: acervo da autora.



Foto 8: Detalhes dos trabalhos dos alunos. Fonte: acervo da autora.



Foto 09: Detalhes das produções artísticas dos estudantes. Fonte: acervo da autora.





Foto 10: Detalhe da exposição virtual Negras Cabeças.  
Disponível em: <<https://negrascabecas.art/>>. Acesso em: 14 ago. 2023



Foto 11: Detalhe da exposição virtual Negras Cabeças.  
Disponível em: <<https://negrascabecas.art/>>. Acesso em: 14 ago. 2023

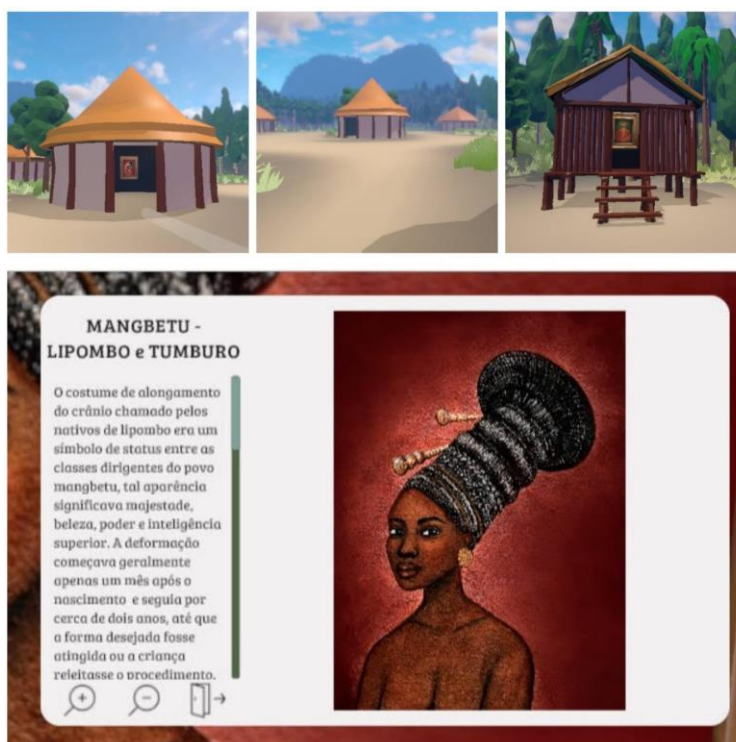


Foto 12: Detalhe da exposição virtual Negras Cabeças, visita gamificada. Disponível em: <<https://negrascabecas.art/>>. Acesso em: 14 ago. 2023

### QUESTIONÁRIO DO PROJETO: MEU CABELO, MINHA COROA

#### Conscientização sobre o Racismo:

- 1- Você acredita que o racismo é uma questão relevante na nossa escola?
- 2- Você acredita que é importante falar sobre o racismo em sala de aula?

#### Experiências Pessoais:

- 3- Você já testemunhou ou foi vítima de atos racistas na escola?

#### Projeto Contra o Racismo:

- 4- Você está ciente da existência de um projeto ou iniciativa contra o racismo na nossa escola?
- 5- Você acredita que o projeto contra o racismo teve algum impacto positivo na escola? Se sim, como?

#### Atitudes e Mudanças:

- 6- Você acha que a sua atitude em relação ao racismo mudou desde que começou a aprender sobre o tema na escola?
- 7- Você acredita que os seus colegas mudaram suas atitudes em relação ao racismo após a implementação do projeto?

Foto 13: Questionário de autoavaliação do projeto aplicado aos estudantes. Fonte: acervo da autora.

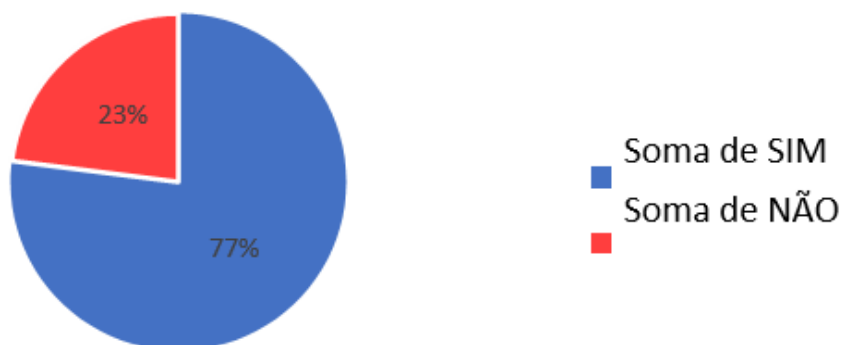


Gráfico 1: Relevância do racismo na escola.  
Resposta à pergunta nº1 do questionário. Fonte: acervo da autora.



Gráfico 2: Importância de discutir o racismo na escola.  
Resposta à pergunta nº2 do questionário. Fonte: acervo da autora.



Gráfico 3: Situações de racismo presenciadas na escola.  
Resposta à pergunta nº3 do questionário. Fonte: acervo da autora.



Gráfico 4: Conhecimento dos alunos acerca do projeto contra o racismo na escola. Resposta à pergunta nº4 do questionário. Fonte: acervo da autora.



Gráfico 5: Impacto positivo do projeto contra o racismo na escola. Resposta à pergunta nº5 do questionário. Fonte: acervo da autora.



Gráfico 6: Mudanças de atitudes pessoais e positivas, contra o racismo, na escola. Resposta à pergunta nº6 do questionário. Fonte: acervo da autora.



Gráfico 7: Mudanças de atitudes coletivas e positivas, contra o racismo, na escola. Resposta à pergunta nº7 do questionário. Fonte: acervo da autora.